Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

O ENSINO DE LIBRAS EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE LINHARES – ES

THE TEACHING OF LIBRAS IN A BASIC EDUCATION SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF LINHARES – ES

Caroline de Oliveira do Nascimento
Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Ensino Superior de Linhares, Brasil.
E-mail: lanecarol10@gmail.com

Amanda dos Santos Farias
Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Ensino Superior de Linhares, Brasil.
E-mail: amandasfarias1401@gmail.com

Thalita Nunes Ruy Seibert
Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional (2015); Bacharel em Letras Libras – UFSC; Especialista em Docência do Ensino Superior; Especialista em Libras; Pedagoga estatutária da rede municipal de Linhares – ES; e Professora estatutária da Faculdade Pública Municipal de Linhares- FACELI. E-mail: thalita.seibert@faceli.edu.br

Recebido: 02/06/2025 – Aceito: 14/06/2025

Resumo

A proposta do ensino de Libras aos ouvintes abre oportunidades para uma sociedade linguística diversificada e inclusiva. Deste modo, a presente pesquisa definiu como objetivo identificar os impactos do ensino de Libras para estudantes ouvintes e com deficiência auditiva no contexto do Ensino Fundamental. A investigação foi conduzida por meio da observação sistematizada das aulas do projeto institucional “Libras em Ação – Introdução ao Ensino de Libras”, desenvolvido em uma escola pública localizada na periferia da cidade de Linhares-ES. Adotando um caráter qualitativo, os objetivos se concentraram nos métodos adotados pelos docentes e nos efeitos da interação social entre os estudantes, tendo como parâmetros os temas das aulas, os recursos utilizados, as atividades aplicadas, bem como a postura das professoras, dos estudantes ouvintes e do discente com deficiência auditiva. Esses elementos constituíram a base para a análise e discussão dos dados. Os resultados obtidos indicam a relevância da educação formal como um instrumento de garantir a inclusão de surdos e deficientes auditivos na sociedade, assim como, reforça a necessidade de práticas e projetos pedagógicos que considerem a Libras como um direito linguístico e uma ferramenta de mediação para a participação plena na vida escolar e social.

Palavras-chave: Ensino; Libras; Estudantes.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

Abstract

The proposal of teaching Brazilian Sign Language (Libras) to hearing individuals creates opportunities for a diverse and inclusive linguistic society. Therefore, the present research aimed to identify the impacts of teaching Libras to hearing students and students with hearing impairments in the context of elementary education. The investigation was conducted through systematic observation of the classes of the institutional project "Libras in Action – Introduction to Libras Teaching," developed in a public school located in the outskirts of Linhares-ES, Brazil. Adopting a qualitative approach, the objectives focused on the methods used by the teachers and the effects of social interaction among the students, considering parameters such as lesson topics, resources used, applied activities, as well as the attitudes of the teachers, hearing students, and the student with a hearing impairment. These elements formed the basis for data analysis and discussion. The results indicate the relevance of formal education as a tool to ensure the inclusion of deaf and hearing-impaired individuals in society. Additionally, it highlights the need for pedagogical practices and projects that recognize Libras as a linguistic right and as a mediating tool for full participation in school and social life.

Keywords: Teaching; Libras; Students

1. INTRODUÇÃO

Libras é a sigla para Língua Brasileira de Sinais, que é o meio de comunicação utilizado pela comunidade surda brasileira. Conforme diz a Constituição Federal, trata-se de um "[...] sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria" (BRASIL, 1988, n.p.). Além disso, o regimento estabelece que seu ensino deve ser direcionado, obrigatoriamente, aos surdos e deficientes auditivos[1] como a primeira língua, com início na educação infantil e finalização no Ensino Superior. De tal forma, que com sua aquisição, estes discentes consigam ter acesso a uma aprendizagem significativa dentro de sala de aula.

Esta forma de aprendizagem refere-se a um ensino que valorize os conhecimentos prévios dos estudantes e os incorpore na sua aquisição de novos conhecimentos, facilitando a compreensão de novos termos e conteúdos. E ao se

1 Surdo: "refere-se ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda." (MEC, 2006, p. 20)
Deficiente auditivo: Segundo a Organização Mundial de Saúde (2015) citado por Souza e Lemos (2021, p. 2) "define a deficiência auditiva como um termo abrangente empregado para descrever a perda auditiva em uma ou ambas orelhas."

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

referir no processo de ensino e aprendizagem de uma criança surda, que tem a Libras como língua primária, é fundamental considerá-la como uma ponte para aquisição de outros conceitos e linguagens, como o português escrito. Por conseguinte, o estudante poderá vivenciar um aprendizado que respeita sua identidade linguística e cultural, além de proporcionar sua integração no ambiente escolar.

No Brasil, "2,3 milhões de brasileiros com 2 anos ou mais de idade declararam ter muita dificuldade ou não conseguir de modo algum ouvir, o que constituía 1,1% da população brasileira em 2019" (IBGE, 2021, p. 38). Diante desse percentual, a Pesquisa Nacional de Saúde buscou identificar a quantidade de usuários da Libras dentre 1,7 milhão de pessoas com idade entre 5 a 40 anos e que possuem alguma dificuldade auditiva.

Revelou-se que "aproximadamente 153 mil pessoas disseram saber usar a Libras, o que representa 9,2% deste grupo populacional" (IBGE, 2021, p. 40). Estes dados evidenciam a grande discrepância entre o número de surdos e deficientes auditivos presentes no Brasil e, a pequena parcela deles que utilizam a língua brasileira de sinais como meio de comunicação, o que ressalta a exclusão social e a limitação na interação comunicativa dessa população.

Mas e quanto à presença desse grupo dentro do ensino regular brasileiro? O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apresentou dados do Censo da Educação Básica de 2023, em que destacou que cerca de "62.192 estudantes surdos, deficientes auditivos e surdo-cegueira matriculados na educação básica – 55.932 matriculados em classes comuns e 6.260 em classes e ou escolas bilíngues de surdos" (BRASIL, 2024).

Partindo desses dados, observou-se um crescente número de discentes, integrantes da comunidade surda, matriculados em escolas regulares. Isto comprova como a educação precisa ser mais inclusiva e como os profissionais atuantes desta área precisam estar preparados para atender essas crianças e adolescentes. Além disso, é preciso que os estudantes ouvintes[2], também, sejam

2 "Pessoas que não possuem limitações auditivas e utilizam prioritariamente as línguas orais, tais como a língua portuguesa." (SCHMITT; BECHE; SELL, 2013, p.18)

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

introduzidos ao aprendizado de Libras, contribuindo para um ambiente mais inclusivo e integrado.

No que se refere ao ensino desta língua, ela inclui duas modalidades que se dividem de acordo com seu público alvo. Para os estudantes surdos o ensino tem um foco visual, utilizando recursos como expressão facial, gesto das mãos e o espaço corporal que se complementam na transmissão de significados, facilitando a comunicação.

Enquanto para os ouvintes, além da visão, é utilizado a oralização, permitindo assim que o estudante ouvinte consiga fazer a associação dos sinais. Essa abordagem também pode incluir atividades práticas que ajude a incentivar a socialização entre surdos e ouvintes, proporcionando um ambiente mais inclusivo e propício à aprendizagem mútua.

Contudo, a inclusão de um estudante com deficiência auditiva durante as aulas regulares só ocorre com a presença e acompanhamento de um intérprete. Conforme diz a Lei nº 14.704 de 25 de outubro de 2023, que altera a Lei nº 12.319/2010, “A atividade profissional de tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras – Língua Portuguesa é realizada em qualquer área ou situação em que pessoas surdas ou surdocegas precisem estabelecer comunicação com não falantes de sua língua em quaisquer contextos possíveis” (BRASIL, 2023, n.p.).

Por conseguinte, isso pode resultar em uma comunicação individualizada entre os dois, destacando uma falha na sua integração com o restante da turma ou outro ambiente em que esteja inserido. Dessa forma, mostra-se uma necessidade de que os estudantes ouvintes e os professores regentes conheçam essa língua e façam uso dela, para que uma melhor comunicação entre ambas às partes aconteça.

Segundo Dias e McCleary (2006) citados por Pereira (2009, p. 8), “a superação dessas desigualdades que os portadores de necessidades auditivas enfrentam só poderá ser atingida se a escola se reorganizar, visando promover o intercâmbio entre as duas culturas: surda e ouvinte.” Portanto, superar essas barreiras, que este público enfrenta, depende muito da capacidade da escola de criar um ambiente onde a população surda e ouvinte possam se encontrar e interagir entre si de forma respeitosa.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

Para isso não basta apenas adaptar o currículo, mas também ter a garantia de que os professores e os estudantes ouvintes aprendam e utilizem a Língua de Sinais facilitando a comunicação e a inclusão.

Nesse viés, a presente pesquisa buscou aprofundar-se no ensino de Libras dentro da educação básica, prioritariamente na etapa do ensino fundamental I, sendo direcionado, prioritariamente, para os discentes ouvintes em decorrência da aplicação de um projeto institucional: Libras Em Ação - Introdução ao Ensino de Libras, realizado em uma escola pública de Linhares - ES. Conforme a língua de sinais é integrada na rotina escolar, o ambiente se torna mais inclusivo, onde todos são respeitados e valorizados.

Diante disso, surge a necessidade de compreender: qual seu impacto no processo de ensino e aprendizagem de uma criança com deficiência auditiva e na promoção de uma educação e sociedade mais inclusiva?

Partindo desse pressuposto, o artigo tem como objetivo principal analisar as metodologias e os impactos do ensino de Libras para a aprendizagem e inclusão de estudantes surdos e deficientes auditivos na educação básica. Além disso, busca-se investigar a interação social entre o estudante com deficiência auditiva e os estudantes ouvintes, como resultado das aulas, e avaliar os métodos e recursos utilizados para ministrar as aulas.

Para Gesser (2009, p. 21-22):

> É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais.

Logo, a temática em questão é relevante, pois ela considera a educação formal como um meio de garantir a inclusão de estudantes com deficiência auditiva na sociedade. Assim, esta pesquisa poderá contribuir para a formulação e a efetivação de políticas públicas, que intervenham de forma estratégica para a ampliação de iniciativas educacionais inclusivas. Desse modo, assegurando o acesso equitativo e a valorização da diversidade nas escolas.

A partir deste ponto, o artigo está dividido em quatro sessões, iniciando por uma revisão da literatura, em que será apresentada toda uma contextualização da

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

educação dos surdos, os profissionais que fazem seu atendimento e o processo de ensino e aprendizagem da Libras como L1 para surdos e L2 para ouvintes. Por conseguinte, na segunda sessão é discorrido sobre o método de pesquisa utilizado e o local em que foi realizado. Na terceira sessão é feita a exposição e discussão dos dados coletados, utilizando autores como Silva e Araújo (fundamentado nas concepções de Vygotsky), Gesser e a Base Nacional Comum Curricular como referencial teórico. Por fim, a última e quarta sessão é denominada como Conclusão, que consiste na apresentação sintetizada dos resultados e implicações do tema.

2. UM PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Antigamente, os surdos eram excluídos e discriminados da sociedade, por não utilizarem o meio oral de comunicação. Os povos antigos acreditavam que a falta de audição resultava na falta da fala e do pensamento, o que os tornavam alvos de rejeição.

Por serem vistos como inválidos e incapazes, em algumas culturas, era comuns que pessoas surdas fossem abandonadas em locais públicos, como ruas, calçadas e instituições de caridade, ou até mesmo oferecidas como sacrifícios aos deuses. Além disso, segundo Streiechen (2013, p.19), “os surdos não tinham possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais, por isso eram impedidos de frequentar a escola e proibidos de conviver com outras pessoas”.

Por volta do século XVI na Europa, uma parcela de pessoas surdas, todas provenientes de famílias nobres, começam a ter acesso à educação e, seus professores procuravam utilizar uma metodologia em que o desenvolvimento do pensamento seria permitido “[...] através do ensino da fala e da compreensão da língua falada” (COSTA; BARBOSA, 2021, p.16). Foi neste período que o educador espanhol Ponce de Leon (1520-1584), desenvolveu um método de ensino para os surdos, que se baseava na datilologia e utilizava o alfabeto manual.

No próximo século, em 1620, é publicada a obra intitulada “Redação das letras e arte de ensinar o mudo a falar” por Juan Pablo Bonet, sendo considerado o

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

primeiro livro que aborda sobre a educação dos surdos. A respeito desta obra, Costa e Barbosa (2021, p.17) diz:

> Compreende-se que a utilização da datilologia para representar as letras do alfabeto através da posição das mãos começou a ser levada em consideração, mas com intuito de ensinar a língua falada. Verifica-se, também, que ao ensinar a escrita, a intenção era desenvolver a oralização dos surdos.

Na França, outro educador que veio adentrar na luta pela educação dos surdos foi Abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789). Através do contato com os surdos das ruas de Paris, ele aprendeu a língua de sinais francesa e "[...] criou os "Sinais Metódicos", uma combinação da língua de sinais com a gramática sinalizada francesa" (GOLDFELD, 2002, p.29). Diante disto, adaptou sua casa, transformando-a em uma escola pública, que atendeu cerca de 75 estudantes surdos na época.

Charles utilizava-se do método gestual, fazendo uso dos sinais e se desvinculando da oralização como metodologia de ensino para surdos. Conforme é afirmado por Costa e Barbosa (2021), L'Épée foi o primeiro educador a considerar que os surdos possuíam sua própria forma de comunicação.

Em contrapartida, surge Samuel Heinick (1727-1790), que prioriza o oralismo e cria a primeira escola de língua oral. Mais tarde, sua metodologia entra em confronto com as de Charles Michel de L'Épée e, diante de análises e argumentos, perde para o método gestual e tem recursos destinados a sua instituição negados.

Nos Estados Unidos, em 1817, é fundada a escola permanente para surdos por Thomas Hopkins Gallaudet e Laurent Clerc, que se utilizava da língua de sinais francesa adaptada para o inglês, fazendo com que anos depois partissem em direção a American Sign Language (ASL). Com a morte de Thomas, seu filho toma as mesmas iniciativas e funda a Universidade de Gallaudet em 1864 - Washington.

> No ano de 1867, após uma assembleia, ficou estabelecido que a função da escola dos surdos seria fornecer treinamento da fala. Portanto, os treinamentos orofaciais para desenvolver a fala passaram a ser considerados parte do currículo das escolas, causando, assim, um descaso com a língua de sinais. (STREIECHEN, 2013, p.20).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

A crença de que o uso do método gestual atrasava o desenvolvimento da fala oral dos surdos, considerado essencial para sua integração na sociedade, levou ao crescimento da oposição à língua de sinais. Em 1880, essa visão ganhou força com a influência de Alexander Graham Bell, inventor do telefone, resultando na aprovação da metodologia Oralista durante o Congresso Internacional de Educação de Surdos de Milão. A partir deste momento, o uso da língua de sinais passou a ser proibido dentro das salas de aulas.

O Oralismo caracteriza-se por um período em que a surdez passou a ser tratada sob uma perspectiva clínica, já que seu objetivo era "[...] fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade" (GOLDFELD, 2002, p.34). Nesse contexto, a oralização era incentivada como forma de integração do surdo à sociedade ouvinte.

Embora o desenvolvimento da língua oral tenha sido estabelecido e aplicado como prioridade na educação de surdos, a prática desta metodologia não atingiu os resultados esperados. Isto ocorreu, porque, assim como informa Streiechen (2013), a fala foi desenvolvida por meio de repetições mecânicas, sem a compreensão dos reais significados das palavras. Como consequência, o índice de escolarização dos surdos sofreu uma queda significativa, sobretudo devido à secundarização do ensino das outras disciplinas escolares. Além disso, essa abordagem gerou consideráveis traumas na vida destes estudantes.

Em vista do insucesso do Oralismo, novos estudos em torno da língua de sinais ganham força. Quem iniciou essas pesquisas foi o americano William Stokoe, ele investigou a gramática e a organização da língua de sinais e, constatou "[...] que ela tinha característica linguística semelhante às línguas orais" (COSTA; BARBOSA, 2021, p.19). Sua pesquisa foi nomeada como "Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf".

Em efeito desta publicação, outros estudos na mesma temática foram surgindo, apresentando novas concepções e métodos de ensino. Dentre eles, surge a Comunicação Total, *Total Communication* do inglês, que frisa a utilização de qualquer estratégia na educação do surdo. Esta metodologia combinava gestos, leitura labial, língua de sinais, alfabeto manual, entre outros recursos possíveis para

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

auxiliar no processo de oralização do surdo. Em concordância com Costa e Barbosa (2021, p.19):

> Sendo assim, tal prática é considerada como bimodal, pois envolve combinações das duas modalidades concomitantemente, quais sejam: os sinais (gestual-visual) e a fala (oral-auditiva), para que ocorra o entendimento da mensagem emitida entre os interlecutores.

Pelo uso simultâneo de duas línguas, o ensino não se mostrou muito eficaz, dificultando a compreensão do surdo quanto às duas formas de linguagem. Partindo deste pressuposto, os surdos começam a requerer seus direitos linguísticos e tornar a língua de sinais como sua língua materna.

Diante dessas reivindicações, um novo método foi adotado, o Bilinguismo. Ela consiste "[...] em trabalhar com duas línguas no contexto escolar e, neste caso, as línguas em questão são a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa (escrita)" (STREIECHEN, 2013, p.23). De forma que, a língua de sinais fosse ensinada como primeira língua (L1) e a língua oral e escrita como segunda língua (L2).

> A questão principal para bilingüismo é a Surdez e não a surdez, ou seja, os estudos se preocupam em entender o Surdo, suas particularidades, sua língua (a língua de sinais), sua cultura e a forma singular de pensar, agir etc. e não apenas os aspectos biológicos ligados à surdez. (GOLDFELD, 2002, p.43).

Goldfeld (2002) ainda nos fala que esta metodologia é a que alavancou em pesquisas científicas em todo o mundo. Porém, os profissionais dessa área não entram em unanimidade quanto a aplicação desse método na educação de surdos.

Atualmente, a educação dos surdos pode ocorrer em dois tipos de instituições: a escola regular de ensino da educação básica, onde estudantes surdos estudam junto com ouvintes, e a escola bilíngue para surdos, que adota a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua do estudante surdo.

2.1 A Educação dos Surdos no Brasil

Inicia-se com a chegada de Dom Pedro II e o professor surdo Hernest Huet ao país em 1855. Três anos depois, em 26 de setembro de 1857, é fundada a primeira escola para surdos, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, no Rio de

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

Janeiro. Posteriormente, em 26 de setembro de 1859, a instituição foi renomeada para Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Em decorrência das mudanças ao redor do mundo sobre os métodos de ensino, em 1911 o INES estabeleceu o Oralismo em todas as disciplinas. Mesmo com esse acontecimento dentro da instituição, a língua de sinais se manteve em uso pelos ambientes fora de sala de aula.

A Comunicação Total chegou ao Brasil no final da década de 1970, após a visita da educadora de surdos da Universidade de Gallaudet, Ivete Vasconcelos. Uma década mais tarde, através dos estudos da professora Lucinda Ferreiro Brito sobre a língua de sinais, o Bilinguismo entra em uso como metodologia de ensino nas instituições brasileiras.

A abreviação “Libras” (Língua Brasileira de Sinais) só começou a ser usada a partir de 1994 e foi criada através da própria comunidade surda.

Nos dias atuais, as três abordagens se encontram no ensino de surdos no Brasil, cada uma com a sua importância no processo de ensino e aprendizagem destes estudantes. No entanto, essas metodologias geram muitos debates e conflitos entre os profissionais da área.

2.2 Os Profissionais Essenciais na Educação de Surdos: Professor Bilíngue, Intérprete/Tradutor e Instrutor Surdo.

Ao longo dos anos da educação de surdos, o profissional responsável por fazer o atendimento a esse público foi recebendo novas nomenclaturas. O que antes era nomeado apenas como educador/professor, atualmente, se encontra dividido em funções específicas e com novos nomes.

Em 2005, foi implementado o Decreto nº 5.626, que estabelece as diretrizes para a formação e atuação dos profissionais responsáveis pelo ensino e interpretação da Libras, incluindo o Professor de Libras-Bilíngue, o Instrutor Surdo e o Tradutor e Intérprete de Libras.

O professor de Libras-Bilíngue e o instrutor surdo são responsáveis por ensinar a Libras, seja para ouvintes ou para surdos. Quanto à formação profissional, o Decreto nº 5.626/2005 determina:

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

> Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.
> [...]
> Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.
> [...]
> Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:
> I - cursos de educação profissional;
> II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e
> III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação. (BRASIL, 2005, n.p.)

Em relação ao tradutor e intérprete de Libras, o art.17 informa que “deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005, n.p.). Este profissional é responsável por intermediar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, garantindo a acessibilidade linguística em diversos contextos sociais.

Torna-se visível a crescente preocupação em garantir profissionais especializados para educar as pessoas surdas do país. No entanto, a realidade atual, é que a quantidade de profissionais capacitados para fazer esses atendimentos é pouca quando comparados ao número de estudantes surdos.

2.3 Duas Perspectivas do Processo de Ensino e Aprendizagem da Libras: Surdos (L1) e Ouvintes (L2).

A princípio, é importante entendermos a diferença entre L1 e L2 no contexto do surdo. A L1 refere-se à aquisição da primeira língua, isto é, a Língua Brasileira de Sinais, e a L2 se trata da aprendizagem da segunda língua, como a Língua Portuguesa neste caso. Quanto ao ouvinte, temos uma relação inversa das línguas, ou seja, L1 - a língua portuguesa e a L2 - a Libras.

Mas o que difere “aquisição” de “aprendizagem"? Segundo Krashem (1981, apud Gesser, 2012), a palavra aquisição passa a ser definida como um processo

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

natural, em que não há a interferência de um ensino formal e gramatical. Enquanto a aprendizagem é um processo deliberado, que busca o entendimento gramatical de uma língua. Este mesmo autor defende a ideia de que a segunda língua deve seguir o princípio de aquisição da primeira língua.

Desse modo, compreende-se que ao ensinar a língua de sinais ao surdo é preciso respeitar seu processo natural de aquisição. Enquanto para o ouvinte é necessário buscar estratégias que abordem os conceitos gramaticais e explorem os meios naturais de aquisição.

A Libras é uma língua composta por sinais gestuais que combina configuração de mão, movimento, posição, e expressão facial em sua execução. Assim como Pereira (2009) sintetiza em seu artigo, as mãos são componentes importantes na língua sinais, através da sua configuração e posição em frente ao corpo é representada uma palavra. É com a mão que é feita a datilologia, escrita das palavras com uso do alfabeto. A autora também aborda que o movimento pode estar presente ou não na execução. Contudo, as expressões faciais são essenciais na passagem de significados e emoção na hora da comunicação, elas assumem um papel similar à tonalidade da voz.

Como foi apresentado anteriormente neste artigo, os modelos de aprendizagem da língua de sinais podem ser variados. Alguns métodos podem enfatizar a memorização e registros de conteúdos, enquanto outros priorizam a resolução de problemas e a aplicação prática do conhecimento.

2.3.1 Aquisição da L1 (Libras) pelo Surdo.

É possível visualizar a inserção de uma criança surda em dois diferentes tipos de ambiente familiar: filha de pais surdos ou filha de pais ouvintes. Isto é um fator influenciador no contato do surdo com a língua de sinais.

No primeiro cenário, tendo os pais como membros da comunidade surda, o processo de ensino e aprendizagem da Libras por essa criança ocorre, primeiramente, de forma espontânea, através do próprio convívio familiar. É no período da primeira infância que “a criança faz a aquisição da linguagem, ela utiliza várias hipóteses, experimentando diversas possibilidades até estruturar sua

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

gramática, ou seja, suas regras de comunicação" (PEREIRA, 2009, p.25). E mais tarde, a escola assume o papel de complementação e continuação desse processo.

Por conseguinte, quanto ao surdo nascido em famílias de pais ouvintes, é identificado um atraso na comunicação, resultado da não aquisição de uma língua, o que, também, reflete na construção de sua própria identidade.

Conforme Goldfeld (2002, p.54):

> [...] estes indivíduos são privados de compartilhar as informações mais óbvias de uma comunidade e, sem um instrumento linguístico acessível, sofrem enormes dificuldades na constituição de sua própria consciência, ou seja, não se constituem com base nas características culturais de sua comunidade e com isso desenvolvem uma maneira de ser e pensar muito diferente dos indivíduos falantes.

Neste contexto, eles chegam à escola sem conhecimento da língua de sinais, e assim a instituição precisa ser a ponte para aquisição da Libras. Com isto, os professores precisam trabalhar com vivências e estratégias que explorem o gestual-visual. De acordo com o Ministério da Educação - MEC (BRASIL, 2006), quanto mais a criança vivencia experiências verbais e gestuais por outra pessoa, ela amplia sua bagagem de conhecimento para posteriormente utilizá-la no processo de decodificação das mensagens. Além disso, é neste momento que a escola ressalta a participação familiar neste processo, destacando a importância deles buscarem aprender a Libras e pôr em prática junto de seus filhos, para assim tornar a aprendizagem mais significativa para eles.

Sabendo que o campo de aprendizagem do surdo é prioritariamente visual, alguns autores como Pereira (2009) e MEC (BRASIL, 2006), citam alguns recursos a serem utilizados no ensino da Libras para o surdo, por exemplo: imagens, revistas, livros ilustrados, objetos concretos, fichas ilustradas, entre outros. Além disso, eles destacam o uso de jogos e brincadeiras como métodos estratégicos de fixação.

2.3.2 Aprendizagem da L2 (Libras) pelo Ouvinte.

Como diz Silva e Araújo (2024, n.p.) "os processos de aprendizagem e desenvolvimento são resultado da interação dialética do homem com o seu meio sociocultural". Ou seja, assim como a aquisição da Libras como L1 ocorre, prioritariamente, da interação social entre surdos, na aprendizagem dela como L2

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

pelo ouvinte, é importante explorar uma interação social com o surdo e sua cultura, a fim de gerar melhores resultados de aprendizagem.

No entanto, apesar de promover essa interação social, a aprendizagem da Libras como L2 para o ouvinte pode ser um grande desafio pela divergência dos campos sensitivos, pois a língua de sinais utiliza o campo gestual-visual, enquanto a língua portuguesa se volta para o oral-auditivo. E entrando em acordo com Gesser (2010, p.70) é neste momento que "[...] o professor precisa dispor de estratégias e técnicas que façam com que os alunos efetivamente usem os sinais."

Em sua obra, Gianotto e Marques (2014) apresentam algumas orientações quanto ao processo de ensino e aprendizagem da língua de sinais como L2 para ouvintes:

> 1) Os alunos precisam evitar falar durante as aulas, pois atrapalham a explicação do professor;
> 2) É importante que os alunos se esforcem para comunicar com o professor, mesmo não sabendo todos os sinais de Libras, visto que também a expressão facial e corporal faz parte da comunicação com a pessoa surda, não só os sinais;
> 3) É necessário que os alunos prestem atenção nas expressões faciais e corporais do professor;
> 4) Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da L2, é necessário que alunos, além de frequentarem as aulas, participem da comunidade surda;
> 5) Precisam levar para as aulas apostilas, pen drive, HD, DVD virgem, para que possam salvar os materiais fornecidos pelo professor. (GIANOTTO, MARQUES, 2014, p.135)

Quanto aos profissionais, os autores Ginatto e Marques (2014) apontam que devem:

> Planejar aulas utilizando-se de metodologias diversas que facilitem a comunicação;
> Motivar os alunos, não exigindo fluência perfeita e não os corrigindo a cada erro;
> Disponibilizar vídeos, textos e atividades para que os alunos estudem e pratiquem a Libras fora da sala de aula. (GIANOTTO, MARQUES, 2014, p.135)

Assim como Gesser (2010) expõe em seu livro, além de ensinar as questões gramaticais e estruturais de uma língua, é preciso providenciar interações interculturais para um melhor desempenho do ouvinte na sua aprendizagem linguística. Dessa forma, os métodos e recursos utilizados influenciam quanto à absorção dos conteúdos. Gianotto e Marques (2014, p.128), citam alguns exemplos de atividades e recursos a se trabalhar com os ouvintes, como o "[...] uso de muitos

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

recursos visuais, dinâmicas em grupos, trabalhar com imagens e vídeos, com legenda e sinais."

3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois busca apresentar seus resultados de forma subjetiva, e de caráter descritivo, a qual "[…] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis" (GIL, 2002, p.42). Deste modo, foi optado pelo uso das técnicas de observação e registro em caderno, seguindo uma sistematização semelhante a um diário de bordo.

De acordo com Danna e Matos (2006, p.12), "a observação é um instrumento de coleta de dados que permite a socialização e consequentemente a avaliação do trabalho dos cientistas". Através deste método, foi possível coletar informações acerca do ambiente e do comportamento das pessoas que se encontram em contato com o objeto de estudo.

A pesquisa ocorreu em uma escola pública municipal de educação básica, situada em um bairro periférico da cidade de Linhares, Espírito Santo. Esta região se constitui em áreas urbanas e rurais, com existência de algumas lagoas próximas e é considerado um dos locais com alto índice de criminalidade no município, sendo frequentemente alvo de operações policiais. A população local, público alvo da escola, possui rendas referentes a classe baixa e média.

A instituição oferta a etapa do ensino fundamental, o atendimento educacional especializado e atividades complementares. Sua escolha como local de pesquisa ocorreu por conveniência, em decorrência da aplicação de um projeto institucional, voltado para o ensino de Libras, aos estudantes dos 3º (terceiro) e 4º (quarto) anos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

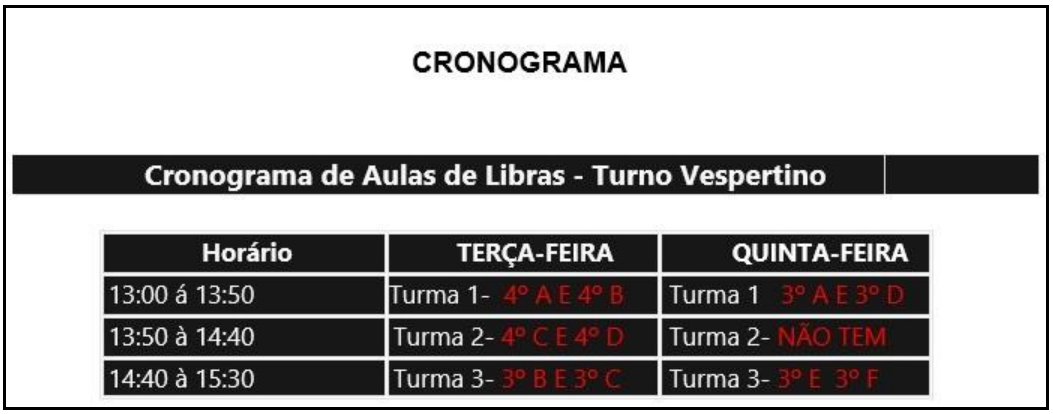
No período do mês de setembro a novembro de 2024 ocorreu a aplicação do projeto institucional: Libras Em Ação - Introdução ao Ensino de Libras em uma

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

escola pública da periferia no município de Linhares - ES. Como objetivo, o projeto buscou promover a inclusão escolar e incentivar o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais entre os estudantes do 3º ao 4º ano do turno vespertino.

As aulas foram conduzidas por uma Professora Bilíngue e por uma Instrutora Surda e ocorriam duas vezes por semana no auditório da escola, atendendo duas turmas juntas por horário, de acordo com o cronograma pré-estabelecido.

Figura 1 - Cronograma das aulas de Libras



CRONOGRAMA

Cronograma de Aulas de Libras - Turno Vespertino		
Horário	**TERÇA-FEIRA**	**QUINTA-FEIRA**
13:00 á 13:50	Turma 1- 4º A E 4º B	Turma 1 3º A E 3º D
13:50 à 14:40	Turma 2- 4º C E 4º D	Turma 2- NÃO TEM
14:40 à 15:30	Turma 3- 3º B E 3º C	Turma 3- 3º E 3º F

(Fonte: Projeto Institucional**:** Libras Em Ação - Introdução ao Ensino de Libras, 2024)

A observação das aulas foi realizada presencialmente no local. Durante a primeira semana foram observadas cerca de 3 turmas (turma 1 e 2 da terça-feira e turma 1 da quinta-feira), porém foi observado que apenas uma se incluía um estudante com deficiência auditiva. Por conseguinte, a escolha e delimitação de se observar apenas uma turma, foi-se pelo critério da inclusão e frequência desse discente em sua classe e nas aulas de Libras. Logo, passamos a observar apenas a turma 1 da terça-feira.

Ao todo foram aplicadas 9 aulas, no entanto foram assistidas apenas 5 aulas. As aulas combinavam momentos teóricos e práticos, abordando tanto conceitos básicos quanto avançados da Língua Brasileira de Sinais. Como forma de sistematizar as anotações, determinamos alguns tópicos de observação: tema da aula, recursos utilizados, atividade aplicada no dia, postura e comportamento das professoras, dos estudantes ouvintes e do estudante com deficiência auditiva.

Quadro 1 - Anotações dos tópicos observados

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

Data	Tema da Aula	Recursos	Atividade	Postura das Professoras	Postura dos Estudantes
01/10/2024	Cores	Datashow, microfone, slides, caderno, atividade impressa, lápis de cor.	Identificar as cores pelos sinais representados na legenda para poder colorir o desenho.	Começam a aula com uma recapitulação rápida do que foi trabalhado na aula anterior, estimulando a memória deles. Explicam os sinais de forma direta e sucinta, demonstrando como fazer os sinais. Além disso, fazem a observação da repetição dos sinais pelos estudantes, corrigindo quando necessário.	**Deficiente auditivo**: Apresenta dificuldades na comunicação por meio da Libras. Apesar disso, é capaz de reproduzir alguns sinais corretamente. Sua comunicação oral ainda é limitada, não sendo completamente compreensível pelos interlocutores. **Ouvintes:** Sua grande maioria apresenta interesse pelo aprendizado da língua de sinais, demonstrando uma participação ativa e dedicação em reproduzir os sinais ensinados.
29/10/2024	Revisão Geral (Alfabeto, Cumprimentos, Materiais Escolares e Cores)	Datashow, microfone, slides.	Não houve no dia	Estimulam a recapitulação dos conhecimentos já trabalhados. Apresentam de forma direta os itens e solicitam o sinal correspondente aos estudantes. Utilizam-se desta aula para fazer correções, enfatizações e estimular a reprodução/repetição dos sinais.	**Deficiente auditivo**: Demonstra recordar os sinais correspondentes às letras do alfabeto, dos materiais escolares, dos cumprimentos e das cores. No entanto, houve dificuldade na configuração correta das mãos em alguns sinais, assim como, no movimento. **Ouvintes:** Grande índice de recordação dos sinais solicitados; Algumas dificuldades quanto a configuração de mão e movimento do sinal. **Observação de**

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

					interação: Algumas alunas que se sentaram próximas ao aluno específico, fizeram um auxílio quando necessário na correção de sua configuração de mão.
12/11/2024	Mega Brincadeira	Datashow, microfone, slides.	Dinâmica de reconhecimento e assimilação dos sinais já estudados com seus significados.	Dinamismo, colocação de regras, orientação, reforço pelo acerto e consequência pelo erro.	**Deficiente auditivo:** Utilizou a datilologia como recurso para transcrever os sinais solicitados durante a atividade. Apresentou confusão na identificação de alguns sinais, demonstrando dificuldade na distinção e memorização dos gestos. **Ouvintes:** Podiam oralizar para falar o que o sinal apresentado se refere. Demonstraram grande interesse, ânimo e participação ativa durante toda a aula. As turmas em geral tiveram um excelente desempenho na dinâmica, obtendo 5 erros de 38 questões.
19/11/2024	Números e Animais	Datashow, microfone, slides com figuras, fotografias e vídeos (gifs).	Dinâmica de adivinhação, em que o sinal era feito pela instrutora e os estudantes tinham que identificar a qual animal pertence.	Estimulam e reforçam o uso dos sinais, utilizam da datilologia e procuram uma comunicação bilíngue (oral e sinalizada). Exploram a observação e associação dos alunos.	**Deficiente auditivo:** demonstrou maior interação com os colegas que estavam mais próximos de si. Na maioria das atividades, foi possível observar que o discente estabelecia relações entre as imagens apresentadas e seus significados, reproduzindo de

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

					forma correspondente o sinal em Libras. **Ouvintes:** Fazem a leitura da datilologia com certa precisão, o que pode ser identificado uma maior familiaridade e conhecimento do alfabeto. Além disso, foi perceptível o interesse e a participação ativa desses estudantes na tentativa de descobrir o significado dos sinais apresentados, recorrendo, muitas vezes, à associação entre os movimentos realizados e características físicas ou comportamentais dos animais representados.
26/11/2024	Atividade Avaliativa	Slides com imagens ou escrita, datashow, microfone, folha impressa, lápis, borracha.	Prova Individual Objetiva	Objetivas, colocação de regras, não abrem momento para dúvidas.	**Deficiente auditivo:** precisou de auxílio da monitora em alguns momentos. Na parte que tinha que selecionar o modo correto da escrita (em língua portuguesa) do sinal apresentado, ele demonstrou dificuldades de identificação, apresentando confusão. Como resultado, marcava a alternativa errada. Nas questões que continham imagens obteve mais sucesso e facilidade em responder. **Ouvintes:** Alguns aparentavam reconhecer e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

					identificar a resposta correta de imediato, enquanto outros demoravam um pouco mais para se lembrar da resposta. Ainda foi observado tentativas de passagem de respostas.

(Fonte: Autoria Própria, 2025)

Os temas escolhidos nas aulas de Libras exploraram a realidade e o cotidiano escolar dos estudantes, proporcionando assimilação e familiaridade ao processo de aprendizagem. Segunda a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, n.p.) “No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas.” Desse modo, a escolha por abordar temáticas como: cores, alfabeto, materiais escolares, animais e frutas está em consonância com as competências da área de Linguagens, permitindo a integração da Libras às demais disciplinas de maneira transversal.

Além disso, no dia 29 de outubro, foi observada a recapitulação de outro tema importante, os “cumprimentos”, que podem ser relacionados ao desenvolvimento das práticas sociais. Este tema explora as habilidades de convivência, comunicação, respeito, inclusão e exercício da cidadania, que são discorridos nas competências gerais da educação básica na BNCC (2017).

Durante as aulas, a professora Bilíngue atuava na mediação com os estudantes ouvintes, organizando a dinâmica da aula, enquanto a instrutora conduzia a realização e apresentação dos sinais. Como estratégia para estimular a memória, elas iniciavam as aulas com uma recapitulação do que foi aprendido na semana anterior. As aulas possuíam um bom planejamento pautado na apresentação dos sinais e imagens/figuras que os representassem de forma sucinta e objetiva. Essa metodologia se assemelha ao método natural de ensino, em que “para a aprendizagem ocorrer o professor será aquele que promoverá o insumo lingüístico, e este deve ser compreensível e ir um pouco além do nível do aluno” (GESSER, 2010, p.21). Logo, a compreensão dos significados dos sinais, e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

sua assimilação com os itens visuais, é mais valorizado do que a recorrente correção gramatical.

Foi observado, ao longo das atividades, que todos os estudantes tiveram um envolvimento significativo com o processo de ensino-aprendizagem, tanto os ouvintes quanto o com deficiência auditiva. Este último, inicialmente, apresentou dificuldades em reproduzir e recordar corretamente os sinais em Libras, assim como fazer o uso da língua para se comunicar com a instrutora surda. No entanto, foi possível observar uma postura colaborativa por parte dos colegas ouvintes, que durante algumas aulas auxiliaram ativamente o estudante surdo na correção e repetição dos sinais, promovendo um ambiente de apoio mútuo e inclusão. Esse comportamento se alinha às concepções de Vygotsky (1994) apresentadas no texto de Silva e Araújo (2024, n.p.):

> O desenvolvimento humano ocorre mediado pelas interações e trocas recíprocas entre os indivíduos e o ambiente, ou seja, as relações experimentadas pelo indivíduo são mediadas pelo mundo ao seu redor, ao qual atribuem-se significados e símbolos para que se possa entender a realidade em que vivem. Sendo assim, o ser humano evolui cognitivamente por intermédio do meio social e da atribuição de significados às coisas.

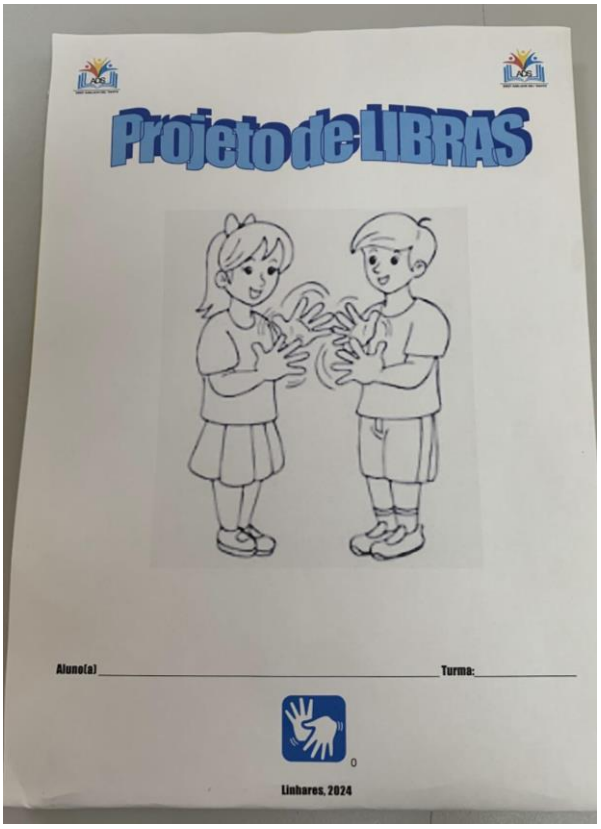
Essa interação evidencia o potencial do ensino de Libras para ouvintes não apenas como instrumento de comunicação, mas também como meio de fortalecimento das relações interpessoais e da consciência coletiva em sala de aula.

Os recursos utilizados em sala de aula eram planejados de modo que explorassem o campo visual e envolvesse a participação de todos os estudantes. Esses materiais ajudaram ao contribuir com a compreensão dos sinais em Libras, ajudando na assimilação das palavras e dos sinais. No entanto, foi observada uma repetição de recursos como do datashow, microfone, slides com imagens, vídeos e atividades impressas. Isto evidencia a escassez de investimentos destinados a uma escola de periferia e ao projeto. Apesar disto, estes materiais mostraram-se eficazes para atingir os propósitos esperados, estimulando a memória visual dos estudantes e a fixação do conteúdo. Gesser (2010, p.86) nos diz que, “na avaliação de qualquer material, as percepções do avaliador devem ponderar as características do contexto, ou seja, os objetivos do curso e as necessidades dos

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

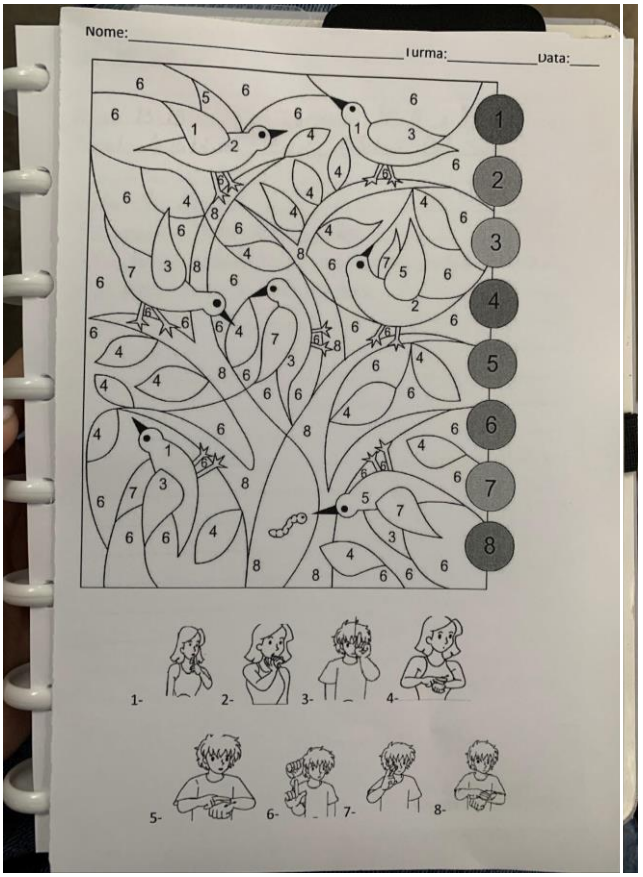
alunos para o aprendizado da LIBRAS.”

Figura 2 - Capa do caderno disponibilizado aos estudantes do projeto



(Fonte: Projeto Institucional**:** Libras Em Ação - Introdução ao Ensino de Libras, 2024)

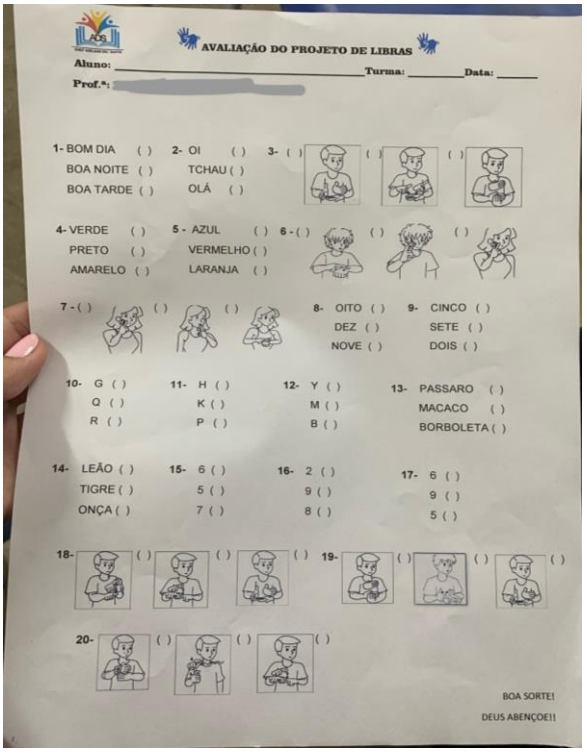
Figura 3 - Atividade proposta do dia 01/10/2024



(Fonte: Projeto Institucional**:** Libras Em Ação - Introdução ao Ensino de Libras, 2024)

Figura 3 - Prova Objetiva Individual aplicada no dia 26/11/2024

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107



(Fonte: Projeto Institucional**:** Libras Em Ação - Introdução ao Ensino de Libras, 2024)

Desse modo, as atividades desenvolvidas em sala se apresentaram de forma diversificadas e dinâmicas, voltada para uma aprendizagem prática da Libras contemplando tanto a avaliação quanto o processo de assimilação. As dinâmicas práticas realizadas nos dias 12 e 19 de novembro promoveram uma maior interação entre os estudantes ouvintes e o estudante com deficiência auditiva. Como salienta Silva e Araújo (2024, n.p.):

> Assim, quando o processo de inclusão passa a ser realizado e oferecido no mesmo ambiente, sendo ele um lugar acolhedor, aqui em questão a escola, a aprendizagem tem uma maior chance de ser efetivada, possibilitada e alcançada por todos.

De modo a contemplar todos os estudantes presentes nas aulas, essas atividades favoreceram o uso da datilologia, da comunicação bilíngue e da memória visual, contribuindo para o processo de ensino e aprendizado da língua de sinais como L1 e L2.

5. CONCLUSÃO

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4107

Em suma, os resultados obtidos condizem com os objetivos estipulados no início deste artigo. Entender como uma língua é estruturada e utilizar-se de melhores metodologias para sua aquisição, auxilia na compreensão e absorção dos conteúdos pelos discentes. Ao correlacionar os dados obtidos com as concepções de Gesser e Vygotsky, é compreendido a relevância da interação social entre o ouvinte e o surdo para o processo de ensino e aprendizagem de ambos.

A partir das observações das aulas do projeto, verificou-se um interesse e participação ativa dos ouvintes em se aprender a língua de sinais. Em relação ao estudante com deficiência auditiva, mesmo com suas dificuldades iniciais, evidenciou certos avanços quanto ao uso da libras para se comunicar. A postura colaborativa dos colegas contribuiu para o processo de aceitação identitária e linguística desse estudante.

No entanto, o estudo destacou pontos negativos como a defasagem de materiais e recursos para esse ensino. Torna-se evidente a necessidade de investimentos nessa área, prioritariamente, para aquisição de materiais pedagógicos, oferta de formação continuada aos profissionais da educação e para implementação regular de projetos voltados ao ensino de Libras na educação básica. A promoção desse ensino corrobora para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Á vista disso, a presente pesquisa abre oportunidades para um aprofundamento da temática quanto à oferta do ensino de Libras a estudantes ouvintes na educação básica, assim como, na sua contribuição para a aceitação da diversidade linguística presente no país.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 [...]. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 26 out. 2024.

_____. **Evento no MEC celebrará 22 anos da Lei de Libras.** Ministério da Educação: Portal Gov.br, 05 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/abril/evento-no-mec-celebrara-22-anos-da-lei-de-libras>. Acesso em: 17 nov. 2024.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências [...]. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm#:~:text=Entende%2Dse%20como%20L%C3%ADngua%20Brasileira,de%20pessoas%20surdas%20do%20Brasil.>. Acesso em: 26 out. 2024.

_____. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023**. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm>. Acesso em: 04 dez. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-linguagens>. Acesso em: 13 maio 2025.

_____. Ministério da Educação. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. 4. ed. Elaboração: Daisy Maria Collet de Araujo Lima; Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal [et al.]. Brasília, DF: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p. il.

COSTA, Edivaldo da Silva; BARBOSA, Mônica de Gois Silva. **História e educação de surdos**. Sergipe: CESAD/UFS, 2021.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon, 2006.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Metodologia de Ensino em Libras como L2.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

_____. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender libras**. São Paulo: Parábola, 2012. 187 p.

GIANOTTO, A. O.; MARQUES, H. R. **Ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua para falantes da Língua Portuguesa**. Multitemas, Campo Grande, MS, n. 46, p. 125-137, jul./dez. 2014.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=bM_MhU5SUWsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 27 mar. 2025.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -. **Pesquisa nacional de saúde: 2019: ciclos de vida : Brasil**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2021. 139p. ISBN 978-65-87201-76-4.

PEREIRA, Simone Rodrigues. **Os Processos de Alfabetização e Letramento em Libras: um Percurso Semiótico.** Bebedouro: Fafibe - São Paulo, 2009. 53 p.

SCHMITT, Deonisio; BECHE, Rose Clér Estivalete; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira (org.). **Língua brasileira de sinais: caderno pedagógico. Designer instrucional: Daniela Viviani.** 1. ed. Florianópolis: DIOESC; UDESC/CEAD, 2013. 108 p.: il.; 28 cm. (Cadernos pedagógicos).

SILVA, Alekcia Pereira dos Anjos; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. **Contribuições de Vigotski para a educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia, v. 23, n. 1, 2024.

SOUZA, Valquiria Conceição; LEMOS, Stela Maris Aguiar. **Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde em adultos e idosos usuários de um serviço de audiologia.** Rev. CEFAC. 2021.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Libras aprender está em suas mãos**. Curitiba: editora CRV, 2013. 146 p.